



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO CIÊNCIAS SOCIAIS

Débora Iaa Pripra

O TEMPO DO MATO:
MEMÓRIAS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO POVO LAKLÃNÕ XOKLENG

Florianópolis SC
2023

Débora Laa Pripra

O TEMPO DO MATO:

MEMÓRIAS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO POVO LAKLÃNÕ XOKLENG

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro ou Campus centro de filosofia e ciências humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais
Orientador(a): Profa. Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Dr.(a)

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pripra , Debora Laa

O TEMPO DO MATO: MEMÓRIAS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E
POLÍTICA DO POVO LAKLÂNÔ XOKLENG / Debora Laa Pripra ;
orientadora, Antonella Maria Imperatriz Tassinari, 2023.
41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Povo Xokleng . I. Tassinari,
Antonella Maria Imperatriz . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Debora Laa Pripra

O TEMPO DO MATO:

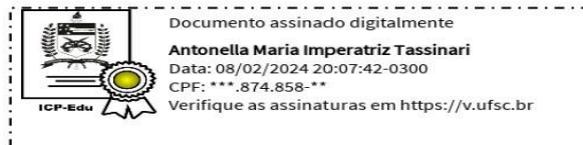
MEMÓRIAS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO POVO LAKLÃNÕ XOKLENG

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso Ciências Sociais.

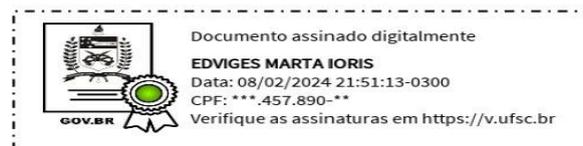
Local Florianópolis, 05 de fevereiro de 2024.



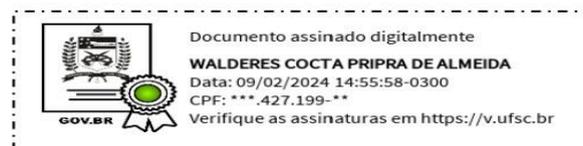
Banca examinadora



Prof.(a) Antonella Maria imperatriz Tassinari, Dr.(a)
Orientador(a)



Prof.(a) Edviges Marta Ioris, Dr.(a)
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.(a) Walderes Cocta Pripra, Ms.(a)
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

AGRADECIMENTOS

Enfim mais um ciclo se encerra, gostaria primeiramente de agradecer a Deus pela dádiva da vida, gostaria também de deixar aqui meus sinceros agradecimentos ao meu povo pelo apoio e incentivo, aos meus familiares que sempre estiveram comigo me incentivando a continuar mesmo com todas as dificuldades, meus entrevistados que me receberam em suas casas com muito carinho e disposição, que tiraram um tempinho para me ouvir, contar suas vivências e histórias. Gratidão a todos que estiveram comigo nessa caminhada e de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

APRESENTAÇÃO

Sou Débora Laa Pripra, indígena do povo Xokleng, filha de Simeão Kundang Pripra e Maria Natália Collaço. Neste trabalho falarei sobre a organização política e social do povo Xokleng no “tempo do mato”.

Ouvindo as histórias contadas pelos anciãos, percebi que esses relatos devem ser registrados, por serem poucos ainda vivos e quando eles se forem levarão com eles essas histórias. Histórias estas de extrema importância para nós, assim surgiu o interesse por esse tema, as bibliografias sobre esse tema são bem escassas, este trabalho será de extrema importância tanto para nós quanto os não indígenas.

Não só o povo Xokleng, mas todos os povos indígenas sofreram e sofrem com a interferência da sociedade não indígena. Precisamos buscar formas para nos ajustarmos e tirar o que tem de melhor disso, é isso que queremos fazer quando saímos de nossas casas, de nossas aldeias e vamos para as universidades adquirir conhecimento acadêmico.

Levaremos esse conhecimento para nossa terra e buscaremos uma vida melhor para todos nós. Uma das formas é essa, registrar as histórias contadas e mostrar para todos nossos costumes, cultura e conhecimentos tradicionais, mostrar que não é porque saímos da nossa aldeia, deixamos de ser indígenas, mas que assim como todos estamos lutando pela sobrevivência e buscando uma vida melhor. Viva a resistência dos povos indígenas, viva a resistência do povo Xokleng, lugar de indígena é onde ele queira estar.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever a organização política e social do povo Xokleng no “tempo do mato”, fazer um breve histórico da vida, cultura e da sua resistência. Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas com membros da TI Laklano e anciãos, metodologia etnográfica e textos acadêmicos sobre estes indígenas. O trabalho apresenta uma breve contextualização sobre como se dava a organização política e social do povo Xokleng no “Tempo do mato”, um breve histórico após contato com o não indígena. “Tempo do mato” é um conceito usado pelos indígenas, para se referir a época em que seus antepassados viviam em meio a floresta, sobrevivendo da caça, coleta, pesca e praticando seus rituais. Os resultados da pesquisa apontam que desde o contato com os não indígenas houve muitas mudanças na organização da vida social e política, através das entrevistas e referências bibliográficas, podemos perceber que essas mudanças foram obrigatórias e necessárias para a sobrevivência do povo Xokleng.

Palavras-chave: Povo Xokleng; organização política e social; “tempo do mato”.

ABSTRACT

The objective of this work is to describe the political and social organization of the Xokleng people in the "time of the bush", to make a brief history of life, culture and their resistance. This research was developed through interviews with members of the Laklano Indigenous Land and elders, ethnographic methodology and academic texts about these indigenous peoples. The work presents a brief contextualization of how the political and social organization of the Xokleng people took place in the "Time of the Forest", a brief history after contact with the non-indigenous. "Tempo do mato" is a concept used by the indigenous peoples to refer to the time when their ancestors lived in the middle of the forest, surviving by hunting, gathering, fishing and practicing their rituals. The results of the research indicate that since the contact with the non-indigenous people there have been many changes in the organization of social and political life, through the interviews and bibliographic references, we can see that these changes were mandatory and necessary for the survival of the Xokleng people.

Keywords: Xokleng people; political and social organization; "bush time".

RESUMO

Ēnh txõ mē há mǒ vǎnh lan ti jé txõ ūn li ke kũ dén plul òg tǒ vǎnh txõ Ka kute klǎm node kũ ag jógze mē kabel vǎnh òg ūn mē nũ kabén tē , ãg tǒ Xokleng te ag jógze vǎ tǒ vǎnh txo vag zug kũ nõde tog mē nũ kabén tē. Txõ mē há mǒ vǎnhlǎlá te jé nũ ěm kánka txi to ěm jobá mē nõde òg mǒ mē jé vǎnh kle mũ kũ nũ vel zũg òg tǒ ah tǒ vǎnhlǎlá mē kó nǎ kũ mē vég mũ . Kũ nũ vel ūn li ke kũ vǎtxõka dég plul òg jogze ūn mē kabén tē, vel nũ òg vǎnh kal kũ òg tǒ vǎnh joblé nõde blé mē kabel tē. “ Kute klǎm òg nõde Ka” tog tē zũg òg tǒ lagl vǎnh, vǎtxõka enh kánka òg tǒ kute mē nõ mē kabel jé, kũ vel òg tǒ ūn ly ke kũ ěh jojze mē tēn kũ, akle, blé dég konǎ ko kũ nõ mē kabel vǎnh. Zũg òg tǒ lánlál te vũn, vǎnh kalá kol kũ ag jógze ūn mē ná tovanh mũ ãg tǒ Xokleng te, vǎnhlǎlá te ki nũ véj mũ dég kũ ãg tǒ Xokleng te tǒ ãg jógze mē tovanh te kũ na vá há zũg òg janh há ko kũ nõde kũ ná tó ké ag jógze há li ké ke mũ.

Palavras-chave: ãg tǒ Xokleng; jógzemē kabel vǎnh; “ kute mē nõ Ka”.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Território tradicional de Perambulação do povo Xokleng	17
Figura 2 –Kamlem o último Kujá do povo Xokleng	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SPI Serviço de Proteção ao Índio

FUNAI Fundação Nacional do Índio

TI Terra Indígena

SESAI Secretaria Especial de Saúde Indígena

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRICO DO POVO XOKLENG	17
2.1 O Serviço de proteção ao índio(SPI) e Contato (“Pacificação”)	20
2.2 Organização política pós contato (“pacificação”)	22
2.3 Chegada do evangelho na TI Laklãnõ	24
2.4 Barragem Norte	25
3 ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO “TEMPO DO MATO”	27
3.1 Termo Cacique	29
3.2 Kujá	30
3.3 Decisões Coletivas	32
3.4 Resoluções de conflitos internos do grupo	34
3.5 Anciãos como referência de conhecimento e sabedoria	35
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, através dos relatos de anciãos e membros da TI Laklano, apresento a organização social e política do povo Xokleng no “tempo do mato”. “Tempo do mato” é como designamos o período anterior ao contato. Apresento as formas de liderança Xokleng no período anterior ao contato, a partir da memória do meu povo e trabalhos acadêmicos que falam sobre esse povo indígena e que abordam as formas de liderança anterior ao contato.

Sendo indígena e pertencente ao povo, a minha visão e compreensão sobre o tema se dá através da minha vivência na aldeia e meus conhecimentos tradicionais e acadêmicos que adquiri ao longo da vida.

O povo Xokleng vive no Sul do Brasil, mais precisamente no norte do estado de Santa Catarina, na terra indígena Laklãnõ que pertence a cinco municípios, sendo eles José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles, Itaiópolis e Rio Negro. Possui uma população de aproximadamente 2090 indígenas conforme o último registro da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) do ano de 2021. A terra indígena Laklãnõ possui 37.018 hectares de terra e possui dez aldeias.

Antes da colonização do Sul do Brasil, o grupo percorria a Serra, Planalto e o Litoral Catarinense, parte do Estado do Paraná e Norte do Rio Grande do Sul. Seu deslocamento se dava conforme as estações do ano, pois sua alimentação se dava pelo pinhão, a caça e a coleta de frutos silvestres, por isso eles iam para os locais onde seus alimentos estariam mais oportunos. Se dividiam em grupos, se encontravam de tempos em tempos para confraternizações e rituais.

O governo brasileiro contratou grupos de extermínio para assassinar os indígenas, pois estava havendo enfrentamento entre indígenas e colonizadores europeus em Santa Catarina. Para o governo, os indígenas não tinham serventia, já que eles eram relutantes ao contato e a serem escravizados. Para o governo, os indígenas “atrapalhavam” a constituição de uma nova civilização no Sul do país, então os matadores de indígenas, conhecidos como bugreiros, passaram a caçar os indígenas e matá-los. Preparavam emboscadas, atacavam os acampamentos indígenas durante a madrugada, pois era o momento em que os indígenas baixavam a guarda para descansar, estupravam e matavam mulheres e crianças a sangue-frio. Para comprovarem as mortes dos indígenas, cortavam as orelhas e seu pagamento

era dado conforme o par de orelhas que entregavam. A matança foi grande e o povo Xokleng quase foi exterminado pela ignorância e ideia de progresso do governo.

Pesquisadores e antropólogos passaram a denunciar em eventos e instituições fora do país que apoiavam a causa indígena, o massacre cometido pelos bugreiros contra os indígenas, o Brasil passou a ser mal visto pelas atrocidades cometidas contra os indígenas, por isso precisavam tomar alguma atitude para que os estrangeiros não tivessem uma visão errada do Brasil e assim desistirem de emigrar.

No ano de 1910, o SPI (Serviço de proteção ao índio) foi instituído com o objetivo de proteger os indígenas, civilizá-los e introduzi-los à sociedade. Um dos integrantes da equipe era Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, um militar que na época tinha 18 anos, ele foi um dos principais agentes na terrível trajetória/história de vida dos indígenas.

O povo Kaingang do Estado do Paraná foi contactado e "pacificado" antes do povo Xokleng, quando a equipe do SPI encontrou os Xokleng, percebeu que a língua falada por eles era parecida com a Kaingang, então buscaram algumas famílias Kaingang para ajudar no contato. Nesse período, os indígenas já tinham perdido seu território de perambulação para os colonos e sua população tinha sido reduzida drasticamente, tanto, pelo confronto com os colonos quanto pela matança feita por bugreiros. Estavam encurralados onde foram contactados em uma pequena área às margens do Rio Plate próximo ao município de José Boiteux. Em 22 de setembro de 1914, os Xokleng tiveram o primeiro com alguns Kaingang membros do grupo que vieram com Eduardo. O encontro com Eduardo foi logo após, esse evento é chamado na literatura e na história de "Pacificação", mas conhecido por nós indígenas como contato, período lembrado até hoje como um grande marco que gerou muitas transformações na vida do meu povo.

Depois do contato, no ano de 1914, após lutarem pela vida fugindo em meio a mata e se escondendo dos bugreiros, muitos perderam a vida para doenças transmitidas pelos não indígenas. A principal função do Eduardo Hoerhann era integrar os indígenas à sociedade, os proteger e mantê-los em segurança, depois que conseguiu fazer o contato e obter a confiança dos indígenas, parte do grupo (capangas) que vieram com o Eduardo voltou para o Rio de Janeiro, onde era a sede do SPI.

Posteriormente ao contato com os não indígenas, ficou difícil para o povo manter suas instituições, costumes e cultura. Por isso, os Xokleng foram obrigados a viver conforme as regras impostas por Eduardo e se submeter à cultura e à forma de vida da sociedade envolvente, precisavam se organizar e aceitar os moldes da sociedade ao qual estavam tendo contato, pois a sua sobrevivência dependia disso.

A área indígena foi criada em 1926, pelo chefe do governo catarinense Adolfo Konder, foi denominada de posto indígena Duque de Caxias. Eduardo Hoerhann foi nomeado como chefe do posto indígena pelo SPI e passou a tomar conta de tudo, ele deveria ajudar os indígenas a viverem com suas plantações e o comércio dela para os colonos que viviam aos arredores da terra indígena. A partir daí o povo Xokleng passou a sofrer outra vez pela interferência do não indígena em suas vidas e sua cultura. De acordo com Muller (1985), no dia 26 de outubro de 1965 a terra indígena foi registrada em cartório, um total de 14.156,8860 hectares de terras pertencentes ao povo Xokleng. Em 1975 a terra Indígena passou a ser chamada de Reserva indígena de Ibirama. Em abril de 1989 foram instituídos os municípios de José Boiteux e Vitor Meireles (antes Distritos Harmonia, como era conhecido, hoje Ibirama), sendo assim, a área indígena passou a pertencer a estes municípios.

A vida social dos Xokleng sofreu grandes mudanças desde o contato, por conta da influência e interferência da sociedade não-indígena na vida Xokleng, isso fez com que houvesse mudanças, em sua cultura, seus rituais deixaram de existir, seu sistema de organização política e a chefia da TI também mudaram. São 108 anos de contato, o povo, as escolas indígenas lutam todos os dias pelo resgate e manutenção da cultura, sentimos que nossa história e nossa luta está sendo apagada com o passar do tempo, ouvimos muitas histórias dos nossos anciãos relatando como viviam no “mato”. Uma delas era sua forma de organização política que atualmente é bem diferente, as decisões eram tomadas coletivamente e todos tinham voz.

Depois do contato isso mudou, passaram a ter chefe do posto. Desde o contato muitas mudanças foram ocorrendo e assim como os não indígenas, os povos indígenas vivem em constante mudanças na sua vida social e cultural. Não só o povo Xokleng, mas todos os povos indígenas sofreram e sofrem com a interferência da sociedade ao qual os rodeiam. Mas precisamos buscar formas para nos ajustarmos e tirar o que tem de melhor disso, é isso que buscamos fazer quando saímos de nossas

casas, de nossas aldeias, e vamos para a universidades adquirir conhecimento acadêmico. Levaremos esse conhecimento acadêmico para nossa comunidade, através dele e nossos conhecimentos tradicionais, buscar uma vida melhor para todos nós. Uma das formas é essa, registrar as histórias contadas e mostrar para todos nossos costumes, cultura e conhecimentos tradicionais. E não é porque saímos da nossa aldeia, que deixamos de ser indígenas, mas que assim como todos, estamos lutando pela nossa sobrevivência e buscando uma vida melhor, para nós e para as próximas gerações.

Através do meu trabalho também ajudar de alguma forma na organização política do meu povo, apresentar para eles como foi e como ocorreram as mudanças na nossa política e de alguma modo resgatar a harmonia e organização política de como era antes do contato.

Como metodologia, foi realizada uma pesquisa etnográfica, a partir dos relatos dos anciãos e outros membros da TI Laklano. Quatro pessoas foram entrevistadas. Compartilho da ideia que Batista(2006) apresenta em seu artigo, quando ele fala sobre como se comportar e deixar o entrevistado à vontade, e quando o entrevistado termina uma história, fazer um comentário ou uma pergunta sobre o que ele acabará de falar, pois assim estimula-o a continuar a contar, mesmo que ela não seja sobre o que estamos pesquisando, pois tudo o que é contado é importante, pois nos trará reflexões, tiramos dúvidas e aprendemos coisas novos sobre, nosso povo, e nossa cultura.

Trago aqui, a ideia de uma observação “Nato-participante” conceito apresentado por Werá(2020).

[...] A ideia de considerar uma "observação nato-participante", surge porque, ao mesmo tempo que observo, pude e posso participar com um olhar de etnógrafo e também como um integrante do próprio povo. Isso faz com que, às vezes, tenha sido difícil entender os dois processos, pois sou nato de minha cultura e tradição e, às vezes, só quem faz parte disso é que sabe e entende a forma de pesquisar e ter essa ideia de "nato-participante". Desde criança, os conhecimentos a serem pesquisados já fazem parte do etnógrafo indígena, que os vivencia como algo normal, mas que agora precisa observá-los a partir de um novo foco acadêmico. Essa difere de uma observação participante feita por etnógrafos não indígenas, que observam e também participam das atividades desenvolvidas nas pesquisas, como forma de aprender algo que desconheciam (WERÁ,2020,p.17).

A coleta de informações foi feita a partir de conversas/entrevistas não formais feitas com cada um deles. Marquei antecipadamente com os entrevistados, as entrevistas foram feitas no mês de setembro, foram gravadas no meu celular, com a

permissão de cada um. Foram entrevistas semi estruturada com três perguntas preliminares:

- Existia cacique no “tempo do mato”?
- Como era no” tempo do mato” a organização política do grupo?
- Qual era o papel do Kujá?

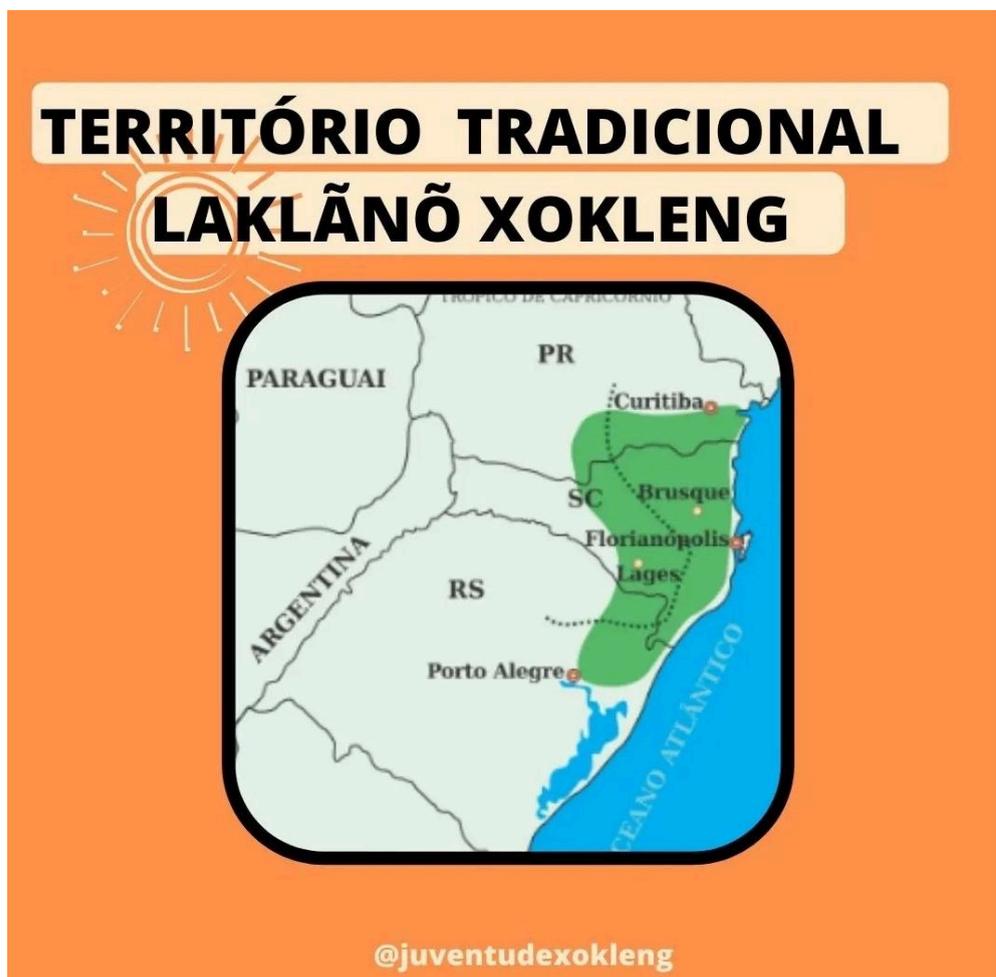
Depois das entrevistas feitas, retornei a Florianópolis para começar o processo de transcrição delas, ouvi cada uma delas uma vez, depois voltei a ouvir e transcrevi o que achei relevante para pôr no texto, assim fui fazendo a discussão bibliográfica com a minha visão sobre o tema e com falas das minhas fontes. Fiz leituras bibliográficas sobre o povo Xokleng e usei esses textos para desenvolver a minha pesquisa, também fiz pesquisas online sobre determinados temas.

Este trabalho está dividido em três capítulos, sendo essa introdução o capítulo inicial. O segundo capítulo trata da história do povo Xokleng, pensando nas várias mudanças ocorridas nos últimos séculos. A construção da Barragem Norte e as mudanças que aconteceram depois da construção dela, e ao longo do tempo, O terceiro capítulo traz as informações sobre o “tempo do mato”, a organização política e social dos indígenas Xokleng. Por fim, a conclusão da pesquisa, o que mudou desde o contato.

2 HISTÓRICO DO POVO XOKLENG

A chegada do colonizador em Santa Catarina foi a sentença de morte do povo xokleng, os indígenas faziam suas caminhadas sazonais em busca de alimentos, num território amplo que abarcava parte dos estados de Santa Catarina, Paraná e Norte do Rio Grande do Sul, conforme figura 1 abaixo:

Figura 2: Território tradicional do povo Xokleng. Disponível em [Juventude Xokleng \(@juventudexokleng\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso de 06 de novembro de 2023



Mas com a chegada dos colonos isso mudou, imigrantes vindo principalmente da Itália e da Alemanha em busca de uma vida melhor com o incentivo do governo imperial.

Proclamada a independência, o Brasil passou a favorecer a imigração de europeus. No Sul foram criadas diversas colônias oficiais. Também foram feitas concessões para empresas privadas que assumiram o compromisso de promover a localização de imigrantes. No Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes alemães chegaram em São Leopoldo (1824). Em Santa Catarina, a colonização começou em 1829, em São Pedro de Alcântara, próximo a Florianópolis. No Paraná, imigrantes começaram a ser localizados no rio Negro, a partir de 1829. Os governos provinciais e monárquico, estavam interessados na ocupação das terras localizadas entre o litoral e o planalto. Os vales litorâneos, cobertos com exuberantes florestas, e as encostas do planalto até então não haviam sido explorados. Toda essa área era considerada como desabitada, embora há muito se soubesse da presença ali de indígenas. A ideia de um “vazio demográfico” prevaleceu nas decisões oficiais. Toda essa área, em que os imigrantes começaram a ser localizados, era território tradicional dos Xokleng. Esses índios foram envolvidos simultaneamente pelas frentes de colonização que se instalaram no Rio Grande, Santa Catarina e Paraná. Suas condições de sobrevivência ficaram, assim, ameaçadas (SANTOS,1997,p.19).

Com a chegada da imigração, começaram os embates entre colonos e indígenas pelo território.

A decisão do governo imperial de implantar colônias em locais onde havia uma população indígena contribuiu para que um clima de conflito se estabelecesse na região, pois duas populações com culturas distintas colocadas em um mesmo espaço levariam a uma disputa pelo controle do território e dos recursos nele disponíveis para a sobrevivência de ambos os grupos (SELAU,2006, p.05).

A partir desse momento, os confrontos entre colonos e indígenas foram cada vez mais frequentes. É claro que, entre arcos e flechas, a pólvora prevaleceu, e os colonos começaram a cobrar uma posição do Estado, pois as coisas não estavam saindo como prometido. O governo não queria que os colonos voltaram para seus lugares de origem ou que fossem para outro estado, ficou com receio de que os colonos falassem para outras pessoas sobre o impasse com os indígenas em Santa Catarina e de ter uma má fama de não ter controle sobre os indígenas e nem sobre seu próprio território. Para o Estado brasileiro, os indígenas estavam atrapalhando o desenvolvimento e o progresso da colonização europeia, então, para resolver o problema com os indígenas, começaram a ser criados grupos de extermínio de

indígenas, que depois de um período começaram a ser chamados de bugreiros. Segundo Santos(1997) os grupos eram compostos de 8 a 15 homens, a grande maioria deles eram “caboclos”. Atuavam sob o comando de um líder. O mais conhecido bugreiro em Santa Catarina foi Martinho Marcelino de Jesus, ou Martinho Bugreiro. O grupo era financiado pelo governo imperial da época.

Bugreiro, ou, mais explicitamente, o caçador de índios, foi assim uma profissão criada e necessária ao capitalismo em expansão nesta parte da América (SANTOS,1997, p.28).

Muitos indígenas, homens, mulheres e crianças assassinados a sangue frio, descritos como selvagens e sem almas, perderam suas vidas pelo pólvora e pelo fio do facão, os acampamentos indígenas eram atacados na madrugada, matavam os indígenas, estupravam as mulheres, algumas vezes poupavam a vida de algumas crianças e mulheres, que eram levadas para ficarem aos cuidados das freiras em conventos nas cidades de Blumenau e Florianópolis, onde seriam “catequizados e civilizados”. Muitos não resistiam à violência que eram submetidos, tanto física quanto psicológica, e cometiam suicídio ou morriam por doenças que pegavam dos não indígenas. A matança foi grande, pois os indígenas não tinham chances de defesa aos ataques praticados pelos bugreiros, nem sobre as doenças transmitidas por eles. O extermínio e as atrocidades praticadas pelo governo contra os povos indígenas do Brasil aos poucos foram descobertas, instituições internacionais começaram a questionar e cobrar uma posição do governo brasileiro sobre as violências cometidas contra os povos indígenas brasileiros.

A história do povo Xokleng foi marcada por três períodos: “tempo do mato”, contato e a construção da barragem norte, sendo esses dois últimos os mais impactantes e de total interferência na vida e na cultura do povo. Os indígenas foram obrigados a viver e se adequar às formas de vivência e convivências, organização política e social impostas a eles pelos não indígenas que vieram com o discurso de introduzi-los à sociedade e civilizá-los. Em seu artigo Pacheco(1998), traz o conceito de territorialização, que podemos utilizar para definir o processo ao qual o povo Xokleng passou desde o “tempo do mato” até hoje.

A noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade

sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado(Pacheco,1998,p.55).

O que chamamos hoje de “tempo do mato”, é quando meu povo ainda vivia em meio às matas, praticando seus rituais, seus costumes e crenças, vivendo da caça e da coleta, fazendo suas caminhadas sazonais em busca de alimentos. A partir do momento que tiveram o contato com o não indígena e se estabeleceram em um local, acabou o “tempo do mato” e passou a ser o tempo pós contato ou pós “pacificação”. Pois, a partir daí, os indígenas foram obrigados a mudarem sua forma de vida. A organização política no tempo do mato, a qual é o tema principal deste trabalho, será apresentada no terceiro capítulo. Nos próximos itens, vou tratar dos processos de territorialização seguintes: as mudanças geradas pelo contato e atuação do SPI e pela construção da Barragem Norte na década de 1970.

2.1 O Serviço de proteção ao índio(SPI) e Contato (“Pacificação”)¹

O SPI (Serviço de Proteção ao Índio) foi criado pelo governo federal em 1910, Marechal Cândido Rondon foi o primeiro diretor do SPI. Essa instituição foi criada para introduzir e socializar os indígenas do Brasil à “civilização”, ou seja, tornar os indígenas produtivos para o Estado, transformá-los em agricultores. Os que eram nômades, deveriam ser centralizados em um local, alterando as formas de territorialidade indígenas. A justificativa da delimitação dos territórios era a proteção, pois afirmavam que precisava “civilizar” os indígenas para que eles não fossem exterminados. Mas é claro que isso estava relacionado a uma política de liberar territórios para os não-indígenas.

A "pacificação indígena" foi um modelo implantado pelo SPI, com objetivo de estabelecer o controle do território nacional e promover a integração dos povos indígenas à sociedade dominante. Essa política de "pacificação" envolvia, muitas vezes, ações militares e repressivas para forçar os povos indígenas que resistiam à ocupação de suas terras por colonizadores europeus. Além disso, o objetivo era

¹ “Pacificação” é um termo utilizado pelo governo e pelo SPI para chamar o contato violento que tiveram com os indígenas, mas com o passar do tempo, e conhecendo mais as histórias, observamos que esse contato não foi nada pacífico como o nome sugere. Nós indígenas Xokleng usamos o termo **contato** para se referir a esse momento.

integrar essas populações indígenas à cultura e ao modo de vida da sociedade, com tentativa sempre de reprimir práticas culturais, línguas e tradições.

É importante lembrar que esse processo histórico trouxe consequências graves para os indígenas, levando à perda de territórios tradicionais, à violência, à exploração e à disseminação de doenças, mortes em massa e transformação de costumes e tradições.

Cândido Rondon, responsável por este serviço em nível nacional, organizou a expedição do Capitão Olímpio Bandeira, com o objetivo de pacificar os botocudos de Santa Catarina. No início do ano de 1913 esta expedição chegou a Joinville, onde se estabeleceu. Por seu administrador ter cometido vários erros, a expedição estava fadada ao fracasso e então Eduardo Hoerhann, por se destacar dos demais membros da comitiva, tornou-se líder. (A pacificação dos botocudos através dos relatórios do SPI (HOERHANN,2004, p.63)

Chegando próximo ao acampamento indígena, a comitiva montou seu posto para poder atrair os indígenas. Por conta de todo o histórico de conflito entre brancos e indígenas, os indígenas ficaram receosos no primeiro contato com os servidores do SPI. Foi um longo processo para que pudessem estabelecer contato. A equipe do SPI, liderada por Eduardo, conseguiu estabelecer o contato com os indígenas na foz do Rio Platê, no Alto Vale do Itajaí, onde hoje é o município de José Boiteux.

Esse foi o primeiro contato pacífico que os Xokleng tiveram com não indígenas.

[...] Vomble contou que ficaram de longe se comunicando com o Eduardo, e desconfiado que ele estava armando uma cilada e pediram pra ele jogar a arma no chão, então ele tirou e jogou ambos os lados estavam com medo uns dos outros e continuaram a negociação e Eduardo oferecia roupas, ferramentas para pegar, mas com receio eles diziam pra ele colocar em um ponto e pediam para ele se afastar e ele iam e pegavam os objetos deixados. (PRIPRÁ,2020, p. 20).

A partir desse momento começa uma nova etapa na vida dos Xokleng, novos desafios, novos conflitos e um modo de vida totalmente diferente ao qual estavam habituados. Seus costumes, tradições, crenças e rituais, foram aos poucos sendo reprimidos, precisaram se adequar ao modo de vida imposto pelo então chefe do posto Eduardo Hoerhann.

2.2 Organização política pós contato (“pacificação”)

Com a “pacificação” em 1914, iniciou-se o processo de fixação à reserva pela agricultura em oposição ao nomadismo favorecido pela coleta. No entanto, as etapas iniciais desse processo já deixam entrever as dificuldades futuras, principalmente no que tange a distribuição dos resultados, pela manipulação da mesma a partir de critérios políticos internos. Divisões internas e ingerências externas, começaram a afetar a distribuição equilibrada entre grupos, famílias e indivíduos. (MULLER,1985,p.26)

A escassez de recursos destinada pelo governo ao serviço de proteção ao índio SPI e bem como o emperramento burocrático e a corrupção de funcionários torna precária e necessária assistência à atividade agrícola.

Os povos indígenas que foram “pacificados” pelo SPI eram colocados nas chamadas reservas indígenas ou posto Indígena, esse local era comandado por servidores do SPI e quem mantinha a ordem e organização era o chamado chefe do posto, o chefe era um não indígena nomeado pelo SPI. Eduardo foi o primeiro chefe do posto indígena do povo Xokleng, por ele estar à frente da expedição de “pacificação” e ter conseguido manter uma relação pacífica com os indígenas, foi nomeado pelo SPI.

Ele ficou na chefia do posto por um longo período, de 1914 a 1954, a mando de Eduardo os indígenas faziam roças, horta comunitária e criavam porcos, uma parte para seu consumo e a outra parte para a venda aos comerciantes próximos ao posto indígena, os indígenas não viviam mais da coleta de frutos e caça eles não podiam sair do posto indígena sem ordem do chefe. Com o passar do tempo começou a ter conflito entre os próprios indígenas, alguns não aceitavam ter que viver apenas dentro do posto, não praticar mais seus rituais, trabalhar para Eduardo e obedecer suas ordens, aos poucos começaram a se voltar contra ele, não o obedeciam mais, assim ele precisou mudar de estratégia e nomear um indígena para ser chefe do posto com ele, foi um indígena conhecido como Trovoadá.

A partir disso, o povo Xokleng teve conhecimento de que um indígena poderia desenvolver o papel de comandar e liderar os demais, pois até então seguiam ordens do Eduardo, um homem branco que prometia cuidar e protegê-los. Para eles, não havia outras opções, pois eles não tinham entendimento sobre a forma de vida e organização da sociedade não indígena.

Por um período essa estratégia funcionou, mas logo os conflitos começaram novamente, os indígenas sofriam maus tratos, viviam sobre constantes ameaças,

eram escravizados por Eduardo, o estopim para que houvesse a revolução por parte dos indígenas foi o assassinato de um servidor do SPI dentro do território do posto indígena. Eduardo culpou os indígenas sem provas, mesmo eles afirmando que não foram eles, até porque eles eram proibidos de circular no território depois do anoitecer, mas ele não acreditou e disse que isso não iria ficar assim. Por medo do que poderia acontecer, Basílio Lili Priprá, que era irmão do meu avô Olimpio Priprá, ou seja, meu tio-avô, reuniu o povo e disse que iria até a sede do SPI no Rio de Janeiro denunciar Eduardo pelo que ele estava fazendo com os indígenas. Assim, ele e mais dois indígenas foram até lá e fizeram a denúncia, e trouxeram uma carta contendo a exoneração de Eduardo como chefe do posto. Quando Eduardo soube que Lili e seus companheiros estavam partindo em busca de solução para os problemas dentro do posto indígena, Eduardo mais uma vez os ameaçou, disse que por ele ser um traidor o jurou de morte perante o povo. Ao retornar ao posto indígena, Lili foi até a casa de Eduardo levar a carta, entregou a ele e contou tudo o que havia acontecido na sua reunião com os seus supervisores. Ao dar as costas, Lili foi alvejado por tiros pelo próprio Eduardo. A morte do indígena chegou aos supervisores de Eduardo, então ele foi afastado do cargo, investigado e, mesmo tendo testemunhas do ocorrido, foi absolvido da morte de Lili.

Após a saída de Eduardo, assumem a chefia do posto indígena de Ibirama indivíduos sem devido preparo. Uma das implicações mais graves dessa falta de critérios racionais foi a praxe quase universal de indicarem os chefes de posto quem, dentro da comunidade, haveria de ser o "capitão dos índios". (cf. Santos, 1973:237), sem respeito a qualquer tradição ou alguma consulta da vontade dos liderados(MULLER, 1985,p.12).

No ano de 1967 o SPI foi extinto e substituído pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Segundo Abreu (S/D) a atuação do órgão acabou por gerar resultados opostos a sua proposta. Eram frequentes as denúncias de casos de fome, doenças, assassinatos e escravização. No início da década de 1960, sob a acusação de genocídio, corrupção e ineficiência, o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ao qual levou a sua extinção.

Com a extinção do SPI e a conseqüente criação da Funai, não aconteceram mudanças significativas em termos de prática de chefia. Ao contrário, favorecidos pela implantação de um regime de governo de ideologia francamente autoritária e Tecnocrática (cf. Viola, 1980:77), os chefes continuam a favorecer as práticas de exploração Predatória e clandestina das riquezas da reserva indígena de Ibirama (MULLER,1985 p.13).

Com o comando da FUNAI, ainda tinha o chefe do posto que não era indígena e também tinha um representante da indígena que já era chamado de cacique, mas foi escolhido aleatoriamente.

A FUNAI assumiu a administração da TI depois da extinção do SPI, mas os indígenas ainda seguiam sob sua tutela e não tinham autonomia alguma, seguiam ainda sob o comando de chefe de posto escolhidos pela FUNAI.

Algumas mudanças paliativas logo foram feitas. Funcionários foram demitidos. Outros foram contratados, sendo muitos desses militares da reserva. Também as denominações dos postos indígenas mudaram. Assim, o Posto Indígena Duque de Caxias passou a se chamar Posto Indígena Ibirama e, mais tarde, Área Indígena Ibirama. Funcionários se sucederam na chefia do Posto. Estradas foram abertas no interior da reserva, permitindo a circulação de veículos e pessoas. A população indígena intensificou assim seus contatos com a sociedade regional (SANTOS, 1997, p.59).

2.3 Chegada do evangelho na TI Laklãõ

Os indígenas estavam sofrendo muitos, eram maltratados, escravizados, sofriam todos os tipos de humilhações por parte do chefe do posto Eduardo. Em uma localidade próxima à terra indígena chamada Volta Grande, tinha uma igreja onde eram feitos cultos, o pastor da igreja era de Rio do Sul e se chamava João Hungo, alguns indígenas assistiam aos cultos escondidos, tanto dos membros da congregação quanto de Eduardo, fugiam dele para assistir os cultos, foram gostando, se sentiam bem naquele local, eram tratados como iguais, com respeito, educação como o mínimo de dignidade, fizeram amizade com os membros da congregação, num determinado dia uma criança indígena ficou muito doente, os indígenas que frequentavam a igreja falaram para a família da criança levar ela lá no pastor que ele iria orar por ela e curá-la, assim fizeram, a menina foi curada, a partir daí vendo isso e sendo tratados como iguais pelos crentes e pelo pastor, foram chamando mais pessoas do grupo para ir à igreja, conversaram entre si e pediram para que o pastor fosse fazer cultos para eles na aldeia, foram juntamente com o pastor falar com Eduardo, pedir autorização a ele. Primeiramente, ele não gostou da ideia, não queria deixar, mas foi convencido pelo pastor, um indígena cedeu a sua casa para que os cultos fossem feitos, o pastor vinha uma vez por mês fazer os cultos. Com o tempo, conversaram com Eduardo novamente e vendo seu interesse,

ele deixou com que construíssem uma igreja para fazerem os cultos. Assim, aos poucos, as igrejas foram aumentando e outras denominações chegaram na TI.

2.4 Barragem Norte

A construção da Barragem Norte , aproximadamente nos anos 1970, foi um marco importante na vida social e política do Xokleng, pois o povo precisou se dividir em mais aldeias, já que a barragem de contenção de cheias foi construída no local onde os indígenas tinham suas casas. Segundo Muller (1985), 831 hectares da terra indígena seriam inundados periodicamente com as chuvas. O vale do Itajaí sofria com as cheias, e para amenizar isso, segundo o autor, foram construídas três barragens nos municípios de Taió e Ituporanga, sendo a Barragem Norte a maior delas. De fato, é a maior barragem de contenção de cheias do país, mas não houve na época nem um tipo de estudo ambiental e antropológico sobre o impacto que ela causaria no território e na vida dos indígenas. Como afirma Muller (1985), em agosto de 1978 a TI sofreu com a primeira inundação causada pela barragem, isso fez com que o povo indígena tivesse a dimensão do tamanho do problema que a construção da barragem traria para a comunidade.

Conforme relatos das famílias, na época da construção da Barragem Norte, vieram representantes do governo falar sobre o que iria ocorrer, na época os indígenas não tinham conhecimento, noção do que era uma barragem de fato, os danos que ela traria ao seu território.

Vieram com um discurso lindo de salvar os não indígenas e que os indígenas estariam contribuindo sacrificando parte do seu território para um bem maior, que tudo seria perfeito e belo, receberiam ajuda e auxílio no que precisasse. Sem dúvida, isso não aconteceu até atualmente, os indígenas foram esquecidos e largados à própria sorte. A construção da barragem já começa toda errada como dito anteriormente e já na sua construção destrói sítios arqueológicos do povo xokleng, interfere de várias formas na vida do povo indígena, na sua alimentação com a escassez de peixes, interfere na sua cultura, costumes, organização política e social.

Com a Construção da barragem o povo precisou buscar lugares ao redor dela para ocuparem, já que tinham suas casas às margens do rio, os indígenas precisaram ir se adequando às mudanças e demandas que surgiam com o passar do tempo.

Em 1979, pressionados de um lado pela inundação de terras e casas devido à obstrução do rio pelos entulhos da obra construção da barragem e, de outro lado, pelo incitamento de pessoas pertencentes aos quadros da 4ª delegacia da FUNAI em Curitiba, aproximadamente 14 famílias, lideradas pelo então cacique Esperidião, mudaram-se para o Bugio, no extremo noroeste do território da reserva, na divisa dos municípios de Ibirama e Itaiópolis (MULLER,1985,p. 32).

Com o passar do tempo outras aldeias foram surgindo, posteriormente a construção da barragem, as famílias foram ocupando outras partes do território, algumas famílias ocuparam determinados locais que posteriormente foram consideradas aldeias e nomeadas por seus membros, com isso precisavam de lideranças, então cada aldeia passou a ter seu cacique. Com a criação de várias aldeias, houve a necessidade de apenas uma pessoa que tivesse o diálogo com os demais caciques de cada aldeia, se os outros caciques não pudessem, ele levaria as demandas de todos e buscaria melhorias para toda a comunidade, assim surgiu o cargo de Cacique Presidente, buscando estabelecer a ordem social e política dentro da Terra indígena. Em meados dos anos 1990 foi criado um regimento interno estabelecendo regras e normas sobre o formato e estrutura de como devem ser feitas as eleições para cacique, tanto para cacique regional quanto para cacique presidente.

Estes líderes são escolhidos por voto direto, têm mandato de três anos e direito à reeleição. Se a comunidade estiver descontente com algum dos líderes, pode destituí-lo mediante um abaixo assinado, o vice cacique assume o mandato e, caso ele não queira, é feita uma nova eleição. Esse regimento interno é vigente atualmente, com as demandas surgindo foram feitas emendas, a última emenda feita foi em 2011.

A primeira eleição para cacique do povo Xokleng foi feita com grãos de feijões e milho, os indígenas que estavam presentes davam os grãos para quem queriam eleger, então ao final quem tivesse mais grãos ganharia a eleição. Em meados dos anos 1980, teve a primeira eleição com urna e cédulas de papel. Já em agosto de 2023, ocorreu a primeira eleição com urna eletrônica. Isso foi bem impactante para a comunidade indígena, algumas pessoas viram com bons olhos, outras não, pelo fato de estar cada vez mais se distanciando da cultura e parecendo a eleição dos não indígenas. Outros veem como um grande passo para o reconhecimento e legitimidade das lideranças eleitas, sem a possibilidade de fraudes ou adulterações.

Partindo disso, no próximo capítulo, passo a apresentar a organização política e social do povo xokleng no “tempo do mato”.

3 ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO “TEMPO DO MATO”

Segundo Santos (1997), o povo Xokleng, no “tempo do mato” tinha um vasto território tradicional, eles não se limitavam apenas em um determinado lugar, percorriam o estado do Paraná, Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul, viviam da caça de coleta de frutos, a natureza fornecia tudo o que necessitavam para sobreviver. Se dividiam em grupos e de tempos em tempos se encontravam em determinados lugares para fazerem seus rituais, dois dos seus principais rituais eram a perfuração de lábio dos meninos e o batismo das crianças.

De acordo com Wiik (1999) os grupos, eram compostos entre 50 a 300 pessoas, passavam o inverno no planalto, se alimentando do pinhão. No verão desciam para o vale, se reuniam e construía ranchos, em semicírculo, voltados para uma praça central, onde faziam os rituais de iniciação, casamentos, ritos funerários, confraternizavam, caçavam e planejavam ataques aos inimigos. Terminada a estação cerimonial, a vila se desfazia, e os grupos saíam para mais uma jornada no planalto no inverno, e se reencontravam para outra cerimônia, já planejada, no verão.

Assim como toda comunidade, todo grupo tem sua organização interna, o povo Xokleng não era diferente.

Entre excursões de caça e coleta, a vida fluía. Os homens fabricavam arcos, flechas, lanças e diversos outros artefatos necessários ao cotidiano. As mulheres teciam com fibra de urtiga, mantas que serviam de agasalho nas noites de inverno; cuidavam das crianças; faziam pequenas panelas de barro e cestos de taquara para a guarda de alimentos; limpavam animais e aves; cuidavam do preparo da comida; colhiam, estocavam e maceravam o pinhão e com ele faziam um tipo de farinha; cozinhavam ou moqueavam peças de carne dos animais e aves abatidos; preparavam bebidas fermentadas com mel e xaxim (SANTOS,1997, p.15-16).

Os anciãos eram as principais referências de sabedoria e conhecimento, então sempre eram ouvidos e consultados acerca de decisões e conselhos, conforme as questões e/ou problemas iam surgindo, eles iam conversando entre si e tentando resolver da melhor forma possível.

As decisões eram tomadas em grupo, sentavam à beira do fogo e discutiam para onde ir, como seria a viagem, onde seriam suas paradas, enquanto isso, as crianças brincavam em volta. O povo não tinha noção de poder exercido por uns sobre os outros, nem de hierarquias sociais, muito menos do termo cacique, tudo isso veio do contato com os não indígenas.

Hoje, nas histórias contadas e em referências bibliográficas, temos duas pessoas como referência de liderança na época do contato: Kóvi e Vomble, eles foram os primeiros a terem contato com Eduardo, o “pacificador”, ele conquistou a confiança deles e foi se aproximando cada vez mais. Depois do primeiro contato, Kóvi e Vomble foram até o acampamento e contaram aos outros o que havia acontecido. Muitos não queriam se aproximar por medo, mas os dois acreditavam que seria a melhor forma de se manterem vivos, assim se convenceram que se juntar a ele era a solução.

Com a matança o povo estava com medo do extermínio, os guerreiros que faziam a segurança do povo foram mortos, o que ficou foram crianças, mulheres e alguns homens, não queriam perder mais ninguém, então se juntaram ao Eduardo (CUZUGNI, 2023, informação verbal).

O Kovi e Vomble se aproximaram do Eduardo e criaram afinidade com ele, então o povo deixou que eles mantivessem contato e passassem as informações sobre tudo o que aconteceria. Assim, para Eduardo, os dois desenvolviam o papel de cacique e assim ficaram conhecidos. Mas essa questão deles desenvolverem esse papel foi algo involuntário, que surgiu pela necessidade e circunstância do momento. Para os indígenas, isso não significava que eles desenvolviam um papel de poder ou superioridade aos demais, mas sim alguém que trazia e levava as informações e necessidades do grupo.

Kovi e Vomble eram membros do grupo, foram eles que viram Eduardo e o grupo dele, apesar da dificuldade de comunicação, fizeram contato, os dois que continuaram tendo contato com ele ao longo dos dias, porque não foi no mesmo dia que ele teve contato com todo o grupo, eles que convenceram os outros a se juntar com o Eduardo para poder sobreviver, pra que nois estivesse aqui. Como foi eles que fizeram contato e continuaram, o grupo deixou eles nessa função de estar conversando com ele sobre o que precisavam. Depois eles ficaram sendo reconhecidos como lideranças do nosso povo (SIMAS, 2023, informação verbal).

Todas as decisões tomadas a partir do contato era o que acreditavam ser o melhor para todos, acreditavam nas palavras dos não indígenas que estavam no

comando do posto indígena, pois viam eles como amigos, pessoas que queriam ajudá-los. Segundo Santos (1973), os Xokleng não tinham uma autodenominação, e não tinham necessidade de termos para se auto-classificarem, pois não são eles que fazem o indivíduo ser um indígena e muito menos integrante desta ou daquele povo. Ele diz que, em conversa com Eduardo, perceberam que a necessidade de nomenclatura vinha dos não indígenas.

Assim foi com a questão do Cacique, percebo que foram os não indígenas que, pela sua própria cultura, sentem a necessidade de um representante, uma figura de poder, alguém que comande. E por tudo isso, pela sua própria necessidade, fizeram com que o povo Xokleng nomeasse alguém para desenvolver esse papel, pois nós culturalmente não tínhamos essa figura, essa e muitas outras mudanças foram impostas sobre nós, fomos obrigados a se adequar para garantir a nossa sobrevivência.

3.1 Termo Cacique

O termo cacique chegou aos indígenas brasileiros através dos europeus. Assim, o termo é usado hoje para se referir a líderes tradicionais ou chefes de aldeias em muitas partes das Américas.

O cacique é um representante do povo indígena, cada povo tem sua cultura e suas especificidades, então cada um tem sua forma de escolher esse representante, existem povos que possuem lideranças, que não é o mesmo que cacique, usam termos como lideranças tradicionais e lideranças políticas e cada povo tem sua organização política e social. Com o passar do tempo e por necessidade, o cacique acabou se tornando um representante político do povo, cujo objetivo é manter a ordem social e política dentro da sua aldeia. Esse termo não é originário dos povos indígenas brasileiros, foram os portugueses que, ao terem contato com as primeiras populações indígenas, observaram a existência de uma figura que desenvolvia o papel de liderança nos grupos, passaram a chamar esses chefes de caciques, assim esse termo segue até hoje.

Para o povo Xokleng, atualmente, o cacique tem o papel e dever de manter a ordem, buscar melhorias para o bem estar dos indígenas, resolver conflitos tanto interno quanto externo, tomar decisões, manter o diálogo com as comunidades e também entre si. Na TI Laklãnõ, temos 10 aldeias, sendo 9 Xokleng (Bugio, Koplak,

Plipatol, Palmeira, Figueira, Sede, Pavão, Coqueiro, Toldo) e uma Guarani (Taquaty). A aldeia Guarani não tem cacique por opção deles próprios, mas participam das eleições, pois votam para eleger o cacique da aldeia Bugio, que também os representa. As aldeias têm seus caciques titular e vice, além do cacique presidente e o seu vice.

No povo Xokleng, por um longo período, o cacique era somente a figura masculina, depois visto a importância das mulheres nas tomadas de decisão coletivas desde o “tempo do mato”. Nessa época, elas chegavam em determinado local, averiguavam o melhor lugar e decidiam onde seria montado o acampamento. Atualmente, por iniciativa das mulheres mesmo, de se sentirem aptas e capazes de desempenhar o papel de caciques, primeiro passaram a compor as chapas como vice, e depois surgem chapas com duas mulheres (titular e vice) sendo eleitas na TI, assim hoje temos cacicas mulheres atuando dentro do território.

3.2 Kujá

O Povo Xokleng no tempo em que viviam no mato...

Acreditava no espírito da natureza e dos animais, tinha um enorme respeito a natureza e o que dela vem, antes de matar os animais conversavam com eles, explicavam que precisavam dele para saciar a sua fome, ao, colher erva para fazer os chás conversavam com a planta, contavam porque estavam cortando e tirando sua folha, o que seria feita com ela, para que assim tivessem êxito no que fariam e acreditavam que assim a natureza não ia punir por estarem mexendo nela (CUZUGNI, 2023, informação verbal).

Tinham o Kujá que era o detentor de conhecimento natural e sobrenatural, ele era um dos anciãos do grupo, fazia previsões, rituais e tratava doenças com seus conhecimentos ancestrais e tradicionais. Outros integrantes do grupo também tinham conhecimento sobre chás e ervas, podiam e faziam tratamentos se necessário, mas tinham o Kujá como referência.

Ele fazia várias rezas e rituais para diferentes tipos de necessidades e ocasiões, tinha propriedade sobre chás e ervas, conversava com os espíritos da floresta e dos animais.

Quando os homens precisavam ir caçar o Kujá fazia um ritual para saber onde eles tinham que ir, onde iam encontrar algum animal, fazia o ritual e conversavam com os espíritos dos animais avisar que eles estavam indo caçar e que iam matar os bichos, mas quando os homens chegavam lá, mesmo assim, precisavam falar com o animal, explicar pra ele porque ia matar ele, tinha que dizer que ia matar para

poder dar de comer para sua família, assim o espírito do bicho não iam ficar bravo e fazer algum mal para ele, tinha que cuidar porque o espírito do bicho podia até matar se não conversava com ele antes, e o Kujá não podia fazer nada para salvar aquela pessoa, porque eles sabiam que precisava conversar com o bicho sempre (SIMAS, 2023, informação verbal).

O último Kujá do povo Xokleng foi o Kamlem, ele foi um dos sobreviventes à tentativa de extermínio do povo Xokleng, passou pelo contato, conheceu Eduardo e o ajudou a conhecer o povo e manter o diálogo. Após o contato, os indígenas foram proibidos de fazer os rituais e fazerem suas práticas, então, aos poucos, o Kujá foi perdendo esse papel que ele desempenhava. Depois da morte de Kamlem não teve outro Kujá.

A conversão ao Evangelho, na década de 1950, foi outro fator que enfraqueceu a atuação dos Kujá. Os indígenas passaram a frequentar a igreja, grande parte dos indígenas se tornaram cristãos e deixaram as suas crenças de lado porque isso passou a ser considerado “pecado”. Não podiam mais acreditar em outros deuses e assim cada vez mais foram deixando sua crença tradicional. Não procuravam mais o Kujá para fazer seus rituais e chás de cura, entre outros, pois essas práticas passaram a ser pecado na visão dos evangélicos. Hoje em dia, a religião evangélica é bem forte dentro da terra indígena, não praticam mais rituais tradicionais, mas ainda contam histórias de como era. Nem mesmo fazem os rituais, nem que seja teatro ou algo assim, porque têm medo de que Deus os castigue por estarem fazendo isso.

Figura 4: Kamlem o último Kujá do povo Xokleng



Fonte: SANTOS, 1997, p. 62

3.3 Decisões Coletivas

O povo xokleng tinha a prática de caminhadas sazonais, portanto não tinham um local de moradia fixa, mas tinham os locais onde eles faziam sempre a sua parada. No verão, não faziam estruturas muito elaboradas de acampamentos, no inverno faziam casas subterrâneas para se protegerem do frio. Às vezes, nas suas caminhadas, reaproveitavam casas subterrâneas feitas nos anos anteriores, suas paradas demoravam algumas semanas ou até meses, dependendo do local.

As mulheres que faziam as panelas, os pratos de barro, os balaios, as cobertas de urtiga e como eles não tinham parada, eles não ficavam carregando muitas coisas, as panelas, elas sempre faziam novas pra usar, era pesado pra ficar carregando sabe?! Durante as viagens que eles faziam (PATTE, 2023, informação verbal).

A vida do povo Xokleng no “tempo do mato” girava em torno da caça, coleta, caminhadas sazonais e disputa pelo território com os indígenas Guarani e Kaingang. Muito antes da colonização, os seus inimigos eram esses dois povos, sempre que se encontravam guerreavam. Com a colonização, foram perdendo espaço, seus territórios de perambulação foram ficando cada vez mais escassos e foram sendo encurralados em determinados locais que nos dias de hoje ainda permanecem.

A saga dos índios Xokleng é muito particular. No passado distante, sofreram a competição de outros grupos indígenas pelo domínio dos campos do planalto e dos bosques de pinheiros. Depois, vivendo nas encostas do planalto e nos vales litorâneos, viram suas terras serem gradativamente ocupadas pelos brancos (SANTOS, 1997, p.09).

Os indígenas por estarem constantemente se mudando, precisavam traçar estratégias para montar acampamentos, qual o melhor local, estratégias de lutas quando encontrassem inimigos. Essas reuniões de estratégias eram tratadas ao redor do fogo, quando traçavam rotas e planos, enquanto as mulheres preparavam os alimentos. A fogueira é um dos elementos mais importantes para os Xokleng a sua vida era decidida em volta dele, o fogo os aquecia em dias frios, as mulheres teciam os cobertores, faziam as louças, os homens confeccionavam seus arcos e flechas, faziam seus alimentos, tudo isso acontecia envolta da fogueira.

O fogo foi e ainda é algo muito importante pra nois Xokleng, faz parte da nossa vida, desde sempre, mesmo que hoje não sentamos lá fora envolta do fogo pra conversar, mas ficamos aqui dentro de casa em volta do fogão a lenha conversando, contando histórias e tomando café, assim o pessoal fazia no “tempo do mato”, quando eu vou fazer artesanato, eu faço fogo ali fora de casa e fica lá sentado envolta fazendo eles (CLEENDO, 2023, informação verbal).

As decisões eram discutidas no coletivo, todos podiam dar suas opiniões, falar o que achava que seria o melhor a ser feito para o benefício de todos. Os anciãos eram consultados acerca de tudo, o Kujá fazia suas rezas, consultava os espíritos se eles poderiam ajudar de alguma forma. Os espíritos da floresta e dos animais eram muito respeitados, se eles mostrassem que em determinado lugar não poderia ir isso era uma decisão absoluta, ninguém questionava, somente obedeciam o que eles mostravam ao Kujá.

Saber para onde ir, escolher o melhor local para acampar era essencial para sua sobrevivência, tanto para se proteger do inimigo quanto sobre a quantidade de alimentos aquele local fornecia para eles, conforme ia se passando os dias eles iam vendo quanto tempo ia durar os alimentos ali, assim já iam planejando sua próxima viagem.

3.4 Resoluções de conflitos internos do grupo

O grupo no “tempo do Mato” era formado por homens, mulheres, crianças e os anciãos, tinham Kujá como referência de conhecimento sobrenatural e tradicional, os anciões eram as pessoas mais velhos do grupo, cada pessoa tinha um papel a desenvolver dentro do grupo, os homens caçavam, coletavam alimentos, as mulheres eram encarregadas de fazer o fogo e preparar o alimento, fabricarem as louças, tecer o cobertor de urtiga, as crianças sempre andavam juntos de seus pais os acompanhando durante suas atividades, brincando ao redor, mas também de certa forma, aprendendo a desenvolver as tarefas para que quando ficassem maiores e seus pais partirem, pudessem sobreviver em meio à mata. Os anciãos, ao redor do fogo, fazendo artesanatos, confeccionando balaios e cestos. Membros do grupo faleciam, tinham conflito com os inimigos, nesses conflitos também havia mortes, tudo isso fazia parte da vida do povo Xokleng no “tempo do mato”. Em meio a tudo isso, sem dúvida alguma, mesmo que cada um dentro do grupo sabia o seu dever, o seu compromisso e o seu papel a desempenhar com as atividades que precisavam ser feitas para garantir o seu bem-estar e sua sobrevivência, existiam conflitos internos.

Esses conflitos precisavam ser resolvidos de alguma forma, pois não podiam deixar que esses desentendimentos afetassem o desempenho e a organização do grupo, os anciãos estavam sempre dando conselhos, falando sobre suas experiências boas e ruins para que todos pudessem levar como lição do que deveria ser feito e que não deveria ser feito. O Kujá sempre alertava sobre a importância de que na hora da coleta e da caça os espíritos deveriam ser avisados para que ninguém sofresse as consequências, as crianças não podiam se afastar do acampamento, não podiam ir no rio brincar sozinhas, isso dentre várias coisas eram sempre alertadas, pois todas as escolhas têm uma consequência, sejam elas boas ou ruins.

É como hoje nos mais velhos, nossos pais, assim como seus pais sempre estão ensinando como tem que fazer as coisas, as mães ensinam vocês mulheres a fazer comida, os pais ensinam os meninos a tirar lenha, era assim no mato, e tem que obedecer, ser um bom filho, os pais não batiam nas crianças mesmo que elas eram arteiras, quando faziam coisas erradas eles chamavam atenção, falavam porque não podia fazer aquilo, se tu é uma criança obediente e segue o conselho de seus pais, tu será um bom adulto, responsável e respeitado (CLENDO, 2023, informação verbal).

Se algum integrante do grupo fazia algo que não era do agrado dos demais era chamada atenção dele, os anciãos ou um deles ia conversar com a pessoa para tentar resolver o problema da melhor forma possível, da mesma forma se ouvem alguma discussão mais acalorada, tentavam resolver.

Dependendo do que um deles fazia, se fosse algo muito grave ele era morto pelos membros do grupo, como eles acreditavam na punição dos espíritos se fizessem algo errado, então eles se cuidavam bastante, se houvesse traição dos casais, os espíritos matavam eles, mesmo que os homens tinham várias mulheres, mas isso era com consentimento delas, elas aceitavam umas às outras. (PATTÉ, 2023, informação verbal).

Se uma pessoa do grupo era má, praticasse maldade com outro membro do grupo, ela era assassinada, pois os Xokleng não aceitavam esse tipo de atitude ou comportamento, todos precisavam se ajudar, para que pudessem enfrentar os inimigos e sobreviverem em meio a mata.

3.5 Anciãos como referência de conhecimento e sabedoria

Os anciãos eram e são membros mais velhos do grupo, homens e mulheres que já possuem mais idade, esses são o que os não indígenas chamam de idosos, no povo Xokleng existe e sempre existiu uma relação de respeito e admiração muito grande pelos nossos anciãos.

Os anciãos de hoje, assim como seus pais e seus avós, lutaram e são sobreviventes à tentativa do Estado, dos bugreiros, dos colonos, da sociedade racista e preconceituoso de exterminar os indígenas, são nossas referências de luta e resistência, são os detentores de sabedoria e da nossa história, que ao longo do tempo tentaram apagar. Contam histórias que ouviam de seus pais e seus avós, seus olhos enchem d'água ao lembrar esses momentos de felicidade mas também de muita dor e tristeza e, assim, através da oralidade, nossa história de luta pela sobrevivência e resistência vai passando de geração em geração.

Hoje são as principais fontes da nossa história, sobre o “tempo do mato”, sobre os rituais, cerimônias, cantos tradicionais, organização social dos grupos, através deles e de seu incentivo buscamos manter a nossa história e cultura resistindo. Buscamos sempre ouvir o que nossos anciãos têm a dizer, sua opinião e seus conselhos sempre cheios de sabedoria. Desde sempre foi assim, sentados em volta do fogo preparando o alimento ou fazendo artesanato, contando as histórias, dando conselhos, falando para onde e quais seriam os próximos passos a seguir.

No “tempo do mato” se por acaso tivesse alguém que precisasse ser chamado atenção ou punido por algo, o grupo conversava entre si e algum ancião conversava com aquela pessoa. Por eles serem referência dentro do grupo, então ele sempre era ouvido e era chamado para ajudar a resolver desentendimentos e conflitos internos.

Na nossa TI temos duas escolas indígenas, uma guarani, e a E.I.E.B Laklãnõ Vanhecu Patté. Hoje, muitos trabalhos para a revitalização da cultura são desenvolvidos nas escolas indígenas da nossa TI, esses trabalhos são desenvolvidos com a ajuda e colaboração dos anciãos, são feitas rodas de conversa para contação de histórias, através da história são produzidos teatros com os alunos, ensinam a fazer artesanato e contam histórias sobre cada um deles. Tive a oportunidade de ouvir várias histórias deles na escola e aprender várias coisas sobre a nossa cultura e nossos antepassados.

As escolas indígenas da TI estão na linha de frente na revitalização da cultura, muitos dos projetos que chegam na TI são desenvolvidos através das escolas, os alunos têm aulas de artesanatos, língua materna Xokleng, desenvolvem teatros de momentos históricos e rituais do “tempo do mato”, estamos sempre buscando meios de manter a nossa cultura, a nossa língua, e garantir principalmente a nossa sobrevivência e das próximas gerações.

CONCLUSÃO

Desde o primeiro momento do contato com o não indígena os povos indígenas sofrem vários tipos de violência, física, psicológica, emocional. Interferência em sua cultura, cotidiano, sua língua. Com o povo Xokleng não foi diferente, sofremos tudo isso e muito mais, ouvindo as histórias dos anciãos percebo o quão violento foi o contato, desde o momento em que nosso território foi invadido

pelos colonos e até nos dias de hoje. Nossa organização social, cultura, costumes do “tempo do mato” não foram respeitadas, hoje temos um modo de vida muito diferente de como nossos antepassados praticavam. Nessa pesquisa me propus a contextualizar o modo de organização política e social do “tempo do mato”, ouvindo as histórias que foram me contadas, vejo as mudanças. Hoje temos eleições, temos vários caciques, possuímos um regimento interno a ser seguido, exemplos esses que ao longo da pesquisa vemos que são muito diferentes do que era no “tempo do mato”.

Vimos o papel do Kujá, as resoluções de conflitos e papel dos anciãos, como a organização do grupo se dava no passado, vemos como tudo mudou, não por uma escolha nossa, mas porque fomos forçados a essas mudanças para que pudéssemos sobreviver.

A organização do “tempo de mato”, funcionava para eles, o grupo sobreviveu e resistiu por muito tempo. Hoje mudamos nossa organização, possuímos muitos conflitos tanto interno quanto externo, esses conflitos internos não existiriam se fosse no “tempo do mato”, como disputa de poder, o que hoje é considerado adultério entre outros. Atualmente a juventude busca cada vez mais estar melhorando nossa forma de liderar, manter povo unido e em harmonia, pois a juventude será nossas futuras lideranças.

Os indígenas sempre sofreram com a interferência dos não indígenas na vida e cultura, primeiro tiraram as terras, mudaram seus costumes, suas línguas foram proibidas de ser faladas, gradualmente foram perdendo sua autonomia e precisavam ir se encaixando aos moldes da sociedade não indígena. Precisaram aprender a língua falada pelos não indígenas, usar suas vestimentas, com tudo isso, muito se perdeu, atualmente lutamos para estar ocupando cada vez mais os espaços, lutamos por nossos direitos. Precisamos sair de nossas aldeias para buscar emprego fora, o capitalismo nos obriga, porque não temos mais um rio cheio de peixes, o território diminuiu, não tem mais caça. Precisamos sair para cidades, estudar, fazer cursos, faculdades, enfrentar todo tipo de racismo, opressão, preconceito, humilhação de pessoas dizendo que ali não é nosso lugar ou que nem indígenas somos porque estamos usando roupas e temos celulares.

Todos os dias enfrentamos um desafio diferente. Saímos da aldeia para estudar e buscar conhecimento acadêmico para nós, para nossa família, para nosso

povo, por toda a dificuldade que passamos, muitas vezes bate o desespero, a vontade de desistir, mas pensamos na nossa família, no nosso povo, a razão pela qual estamos aqui.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, E. Fazendo pesquisa com meu povo. **Tellus**, [S. l.], n. 10, p. 139–142, 2014. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/125>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- CLENDON, Ivo. Entrevista 02. [set.2023] Entrevistadora: Débora Iaa Priprá. José Boiteux–SC - Terra Indígena Laklãñõ, Aldeia Bugio, Arquivo de áudio - (93 minutos).
- CUZUGNI, Joasias Cuiutá. Entrevista 01. [set.2023] Entrevistadora: Débora Iaa Priprá. José Boiteux–SC - Terra Indígena Laklãñõ, Aldeia Figueira - Arquivo de áudio - (95 minutos).
- HOERHANN, Rafael Casanova de Lima e Silva. A pacificação dos botocudos através dos relatórios do SPI. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 45, n. 7, p. 62-74, 08 jul. 2004. Bimestral.
- MULLER, Sálvio Alexandre. **Efeitos desagregadores da construção da barragem de Ibirama sobre a comunidade indígena**. 165 f. Tese (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 47-77, abr. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93131998000100003>.
- PATTÉ, Marlene. Entrevista 03. [set.2023] Entrevistadora: Débora Iaa Priprá. José Boiteux–SC - Terra Indígena Laklãñõ, Aldeia figueira. Arquivo de áudio - (40 minutos).
- PRIPRÁ, Alfredo Namblá. **A cultura material do povo Xokleng/Laklãñõ: as armas tradicionais**. 2020. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultura do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de s, Florianópolis, 2020.
- PRIPRÁ, Zilda. **A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA LAKLÃÑÕ/XOKLENG**. 2015. 38 f. TCC - Curso de Licenciatura Intercultura do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de s, Florianópolis, 2015.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Os índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: Ed. Da Ufsc; [Itajaí] : Ed. Da Univali, 1997. 152 p.
- SIMAS, Nelli Ndille Brasil. Entrevista 04. [set.2023] Entrevistadora: Débora Iaa Priprá. José Boiteux–SC - Terra Indígena Laklãñõ, Aldeia Sede - Arquivo de áudio - (85 minutos).
- SELAU, Mauricio da Silva. **A ocupação do territórioA ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense (1875-1925): Resistência e Extermínio Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense**. 2006. 1 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de história, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

WERÁ, Davi Timóteo Martins. **KYRINGUE'I KUERY NHEMONGARAI: A CRIANÇA MBYA GUARANI E A NOMINAÇÃO- NOME ESPÍRITO NHE'E UMA ETNOLOGIA DOS "ÍNDIOS MISTURADOS"? SITUAÇÃO COLONIAL, TERRITORIALIZAÇÃO E FLUXOS CULTURAIS**. 2020. 01 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

WIJK, Flavio. Xokleng. [S. l.], 1999. Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xokleng>. Acesso em: 15 ago. 2023.